

Democracia e direitos humanos

31 MAR 1998

YVONNE BEZERRA DE MELLO

Os assuntos são polêmicos e envolvem governos, economias e sociedades civis. Neste século o mundo mudou tão drasticamente que todas as instituições e as políticas da sociedade pós-guerras mundiais e pós-guerra fria tiveram que ser repensadas.

Existe um pessimismo em torno dos rumos que tomará a democracia no próximo século. Isso se explica em parte porque, depois da segunda metade do século, a maioria dos países coordenou suas políticas em torno de interesses militares, da segurança do seu território e da democracia política. Vimos a maior parte das ditaduras desabar e um conceito de direitos humanos emergir por todo o planeta.

Nos últimos 25 anos, e principalmente com o novo mapa político da Europa, as políticas de segurança militar (Otan) tiveram que ser adaptadas às novas circunstâncias, fronteiras e dificuldades geopolíticas. Vários políticos predizem um futuro incerto para governos democráticos na forma atual como a democracia é exercida. Antes de deixar o Governo alemão, Willy Brandt afirmou que a Europa só teria uns 20 ou 30 anos de democracia: "Teremos tempos difíceis com novas ditaduras ou regimes similares a 'politburos' ou 'juntas'. O fantasma do desemprego levará nossos países ao desgaste público."

Esse pessimismo coincide com as previsões sombrias sobre as futuras condições econômicas dos países. Depois da década de 70, a produção de bens aumentou mais de 70%, como foi o caso da França e da maioria dos países industrializados. Mas, apesar da riqueza, o número de desempregados foi multiplicado por sete. Como vemos, não é a produção de riquezas que está em pane mas sim a sua distribuição no mundo globalizado. Concentração de renda e pobreza não rimam com direitos humanos ou com desenvolvimento. Os distúrbios causados pelo desemprego sublinham a fragilidade dos meios de subsistência da maioria da população dessas democracias.

Na América Latina o problema se agrava porque possuímos precárias infra-estruturas, problemas de ordem social urbanos e uma cada vez maior subserviência ao monopólio dos países desenvolvidos, sendo cabeça-chave os Estados Unidos. Essa hegemonia econômica-industrial dificulta a implantação dos direitos humanos nos países emergentes e aposta nos conflitos que pipocam cada vez mais nos quatro cantos do mundo.

O vazio da bipolaridade depois do fim da guerra fria e o renascimento de ideologias regionalistas e étnicas provocaram novos focos de desequilíbrio nacional e internacional. A ex-União Soviética e os antigos países comunistas da Europa Central embarcaram numa das mais ambíguas e difíceis transformações econômicas já vistas na História. Se o processo for bem-sucedido estimulará a paz e os direitos humanos. Se falhar, as consequências serão catastróficas: um colapso de ordem governamental e mesmo conflitos internacionais com intervenções armadas.

Um outro fator que estimulará este conflito será a cada vez maior desigualdade entre ricos e pobres. O fenômeno da globalização econômica só será vantajoso para alguns países, aumentando no restante a violência urbana e piorando a qualidade de vida, uma vez que a integração dos mercados na globalização não acontece de uma maneira harmônica e equilibrada entre países. Um outro aspecto seria o aumento da militarização do mundo e da perspectiva de novos poderes no cenário mundial como é o caso da China. É muito pouco provável que os Estados Unidos possam guardar sua hegemonia militar para sempre. Se a economia chinesa continuar crescendo aos níveis de hoje, dentro de 15 ou 20 anos terá um exército capaz de se deslocar rapidamente para zonas de conflito assim como expandir seu arsenal nuclear.

Existe muita incerteza no futuro dessa divisão de poderes no que diz respeito ao petróleo, por exemplo. Isso foi provado recentemente quando o presidente Boris Yeltsin falou de uma possível guerra mundial se o Iraque fosse invadido. Essa declaração provocou imediatamente uma queda em alguns mercados financeiros. Isso mostra a fragilidade mundial. Os estados nacionais passam por uma crise de governabilidade que ultrapassa a sua capacidade em resolver conflitos e impedir abusos contra o ser humano como no caso de Argélia, Bósnia ou Ruanda.

Todos esses problemas devem nos fazer refletir sobre a nossa fragilidade diante do planeta. Buscamos cada vez mais nossa estabilidade que só vai acontecer quando houver um equilíbrio entre a liberdade dos mercados e a provisão dos bens públicos. A comunidade internacional de hoje enfrenta problemas ao lidar com os desafios econômicos, relacionados com a crescente interdependência das economias e do empobrecimento da maior parte do mundo com a perda do potencial de desenvolvimento do ser humano e da sobrevivência do planeta.

YVONNE BEZERRA DE MELLO é artista plástica.